

ENTREVISTA



Foto: Nancy Rouliston

Júlio Augusto Naylor Lisbôa

Natural do Rio de Janeiro, mas é no Paraná que o médico veterinário atua na promoção da buiatria. É sócio-fundador da Associação Paranaense de Buiatria e esteve na sua administração por vários anos. Atualmente, é presidente da Associação Brasileira de Buiatria. É crítico com relação à postura do buiatra no Brasil e tem esperança de que todos os estados tenham sua associação local, em razão da importância do segmento para a Medicina Veterinária e a economia do país. Formado pela Universidade Federal Fluminense (1987), possui residência em Clínica Médica de Grandes Animais (1988-1989) e mestrado em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Botucatu (1995), e doutorado em Clínica Veterinária pela Universidade de São Paulo (2000). É professor da Universidade Estadual de Londrina desde 1992, ministrando aulas de Semiologia e Clínica Médica e Cirúrgica de Grandes Animais na graduação. Também atua no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal.

Quais são as principais áreas de atuação da buiatria? Quem é o buiatra?

Entende-se por buiatra o médico veterinário que trabalha com uma ou mais espécies ruminantes de produção, ou seja, bovinos, ovinos, caprinos e bubalinos. A buiatria abrange todas as áreas de atuação desse profissional, com destaque para a sanidade, em seu conceito mais amplo, objetivando a produção e a reprodução.

Qual é a importância das Associações Estaduais de Buiatria?

A Associação Brasileira de Buiatria é uma sociedade civil de caráter tecnológico, científico e cultural, sem fins lucrativos, constituída por médicos veterinários interessados no tema. Sua principal finalidade é fomentar a atividade dos buiatras, promovendo o intercâmbio entre eles e estimulando seu contínuo aperfeiçoamento técnico-científico. É composta pelas associações estaduais, pessoas jurídicas independentes às quais podem se associar médicos veterinários e acadêmicos de Medicina Veterinária.

Atualmente, existem associações ativas em 11 estados e quatro Núcleos Estaduais de Buiatria. São entidades que têm autonomia e podem realizar ações efetivas para congregar buiatras e de educação continuada, promovendo encontros, seminários, cursos de reciclagem técnica ou outros eventos no âmbito estadual, que se traduzem em valiosas contribuições em prol do desenvolvimento técnico-científico. São oportunidades para divulgar a importância desse profissional para o país e motivar a formação de futuros buiatras.

O profissional buiatra é reconhecido e valorizado pelos produtores rurais?

A questão do reconhecimento pelo produtor rural é delicada e merece análise comparativa. O que tenho vivido ao longo da minha carreira é a evolução do profissional que atua com cães e gatos e do profissional que atua com equinos nas suas relações com os proprietários desses animais, que cobram qualidade nos serviços prestados e estão dispostos a reconhecer financeiramente o serviço técnico especializado. Os profissionais, por seu

ENTREVISTA

lado, investem em treinamento e equipamentos para diagnóstico e tratamento. Compreendem bem a importância de se manter atualizados, frequentam eventos científicos e investem em cursos. Trata-se de um círculo virtuoso.

No caso do pecuarista, essa não é a regra. Em geral, cobra-se pouco por qualidade e a disposição é compensar o mínimo possível pelos serviços prestados. Os buiatras, em muitos casos, não se sentem estimulados a investir em treinamento e especializações. Trata-se, portanto, de outro círculo vicioso e, somente com sua interrupção, haverá valorização profissional. Exceções, dentro da atuação do buiatra, são os serviços especializados em reprodução, que evidenciam modernidade e se contrapõem à realidade. Precisamos evoluir.

Como os buiatras têm buscado a valorização profissional?

Ao promover reuniões e eventos científicos periódicos, as Associações Estaduais de Buiatria podem, além de contribuir para a educação continuada do profissional, aumentar o número de associados, estimular a troca de informações e os intercâmbios profissionais, discutir temas relevantes, conhecer problemas e formular soluções. A cada dois anos, também promovemos nosso congresso, que é fonte de muita informação. Em 2017, a

cidade de Foz do Iguaçu (PR) sediará, de 11 a 14 de setembro, o XII Congresso Brasileiro de Buiatria (informações disponíveis em www.buiatria2017.com.br).

A união dos buiatras em torno de objetivos comuns é condição necessária para a evolução e soluções bem-sucedidas. Nem todos sabem e, por isso mesmo, é bom lembrar que o Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose Animal foi, originalmente, uma demanda levada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento pela Associação Brasileira de Buiatria.

As mudanças observadas no sistema de criação de bovinos e gerenciamento das empresas influenciaram o perfil do médico veterinário buiatra?

Sim. Atualmente, existem empresas de consultoria veterinária compostas por equipes de profissionais especializados, que, individualmente, atuam em áreas específicas. Nessas equipes, é comum encontrar um ou mais buiatras, que se dedicam às orientações de gerenciamento e administração da propriedade rural.

Como compara as pesquisas nacionais com o que se está desenvolvendo fora do país?

A escassez de recursos públicos e privados para o financiamento da

pesquisa científica desenvolvida no Brasil causa impacto negativo incontestável. Apesar dessa limitação, muitos pesquisadores brasileiros conseguem gerar, em algumas áreas da buiatria, conhecimento científico de qualidade superior. Se os recursos não fossem tão limitados, estaríamos ocupando posição de vanguarda em algumas áreas. Destacam-se as produções científicas nas áreas de doenças infecciosas e parasitárias, de reprodução e de nutrição. Isso remete à qualidade do rebanho bovino nacional e à sua importância para o Produto Interno Bruto (PIB) do país.

Quais são os reflexos das ações da buiatria para a economia do país?

Sendo o profissional diretamente responsável pela manutenção da saúde e ampliação do número de animais dos rebanhos, o buiatra contribui diretamente para aumentar a produtividade nas pecuárias leiteira e de corte, como também para garantir a oferta de alimentos seguros e de melhor qualidade para a população, cumprindo papel social de relevância.

Ainda se pratica a clínica médica de indivíduos ou, atualmente, há tendência ao tratamento de grupos (rebanho)?

O conceito de “medicina de rebanho” merece alguma reflexão.



Foto: Júlio Liebão

^ A reprodução é uma das áreas da buiatria em que se destaca a produção científica brasileira

É apresentado como algo novo e moderno, mas sempre foi praticado pelo buiatra competente e ciente das suas responsabilidades. Os indivíduos adoeciam no passado, adoecem no presente e continuarão adoecendo no futuro. Como indivíduos que são, devem ser examinados e tratados. Cabe ao clínico competente diagnosticar a enfermidade, identificar as situações em que a doença tem potencial para acometer outros animais do rebanho e estabelecer as medidas de controle e prevenção apropriadas. Em algumas situações específicas, medidas de metafilaxia podem ser aplicadas a grupos de indivíduos sob risco. Essa é – e sempre foi – a atuação correta que se espera desse profissional. Não vejo tendência atual. Devemos ser críticos e desencorajar a prática da clínica buiátrica baseada, exclusivamente, na avaliação e no tratamento

do indivíduo, ou seja, sem levar em consideração a aplicação de providências para minimizar ou evitar a ocorrência do problema em outros animais do rebanho. Esse tipo de atuação é ineficiente e não contribui para a solução efetiva dos problemas.

Qual é sua opinião sobre a criação intensiva de animais, uma vez que ela é questionada em termos de bem-estar animal e meio ambiente?

Nas criações de bovinos, a intensificação aplica-se aos rebanhos de produção elevada de leite e aos animais de corte confinados para engorda. Salvo o aumento no número de confinamentos, não acredito que haja, realmente, uma tendência cada vez maior para a intensificação. A melhor contribuição dos buiatras para minimizar os impactos decorrentes é a identificação e implantação de medidas

que possam aumentar o conforto dos animais. A preocupação com o bem-estar e meio ambiente é uma obrigação do médico veterinário, que deve exercer esse compromisso, independentemente da espécie com a qual trabalha.

A grande demanda dos estudantes das escolas de Medicina Veterinária é por pequenos animais. O que a buiatria tem feito para esclarecer a importância da sua atividade?

Dentro das escolas, isso pode ocorrer sob a forma de atendimento às espécies ruminantes nos serviços dos hospitais veterinários e em visitas a propriedades rurais, participação em grupos de estudo, programas de formação complementar, programas de iniciação científica e participação em grupos de pesquisa com colaboração em projetos. Para isso, o envolvimento de professores especializados é indispensável. Os eventos científicos promovidos pelas Associações Estaduais de Buiatria também cumprem naturalmente essa finalidade, atraindo estudantes para a área. Mas penso que devemos sempre alertar nossos estudantes para a importância de estarmos constantemente envolvidos nas questões relacionadas à produção de alimentos e que ela aconteça de forma sustentável. ●